

## EDUCAÇÃO ÉTICO-EXISTENCIAL E COMUNICAÇÃO INDIRETA EM KIERKEGAARD E PAULO FREIRE

### ETHICAL AND EXISTENCIAL EDUCATION AND INDIRECT COMMUNICATION KIERKEGAARD AND PAULO FREIRE

Vera Lúcia Periassu de Oliveira<sup>1</sup>

Zélia Salles<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo estabelece uma reflexão sobre a compreensão de uma proposta de Educação Ético-Existencial, fundamentada a partir do estudo da obra Kierkegaard e apresentada na obra “*A Educação em Kierkegaard e Paulo Freire: por uma educação ético-existencial*”, de autoria de Almeida (2013). Também, relaciona-se a referida proposta com a Comunicação Indireta, recurso estratégico muito utilizado por Kierkegaard em seus escritos, como por exemplo, na obra “*Diário de um Sedutor* (1843), *A repetição* (1843), *Etapas no caminho diante da vida*” (1845) visando estabelecer uma pedagogia dialógica. Para Kierkegaard, o método da comunicação indireta é eminentemente pedagógico, pois permite que, indiretamente, sem a rigidez dos métodos tradicionais, a comunicação da Educação aconteça. Neste sentido, seu pensamento está muito próximo da comunicação dialógica e intersubjetiva de Paulo Freire. O estudo problematiza a Educação como tarefa da existência centrada na singularidade, pois de acordo com Kierkegaard, a virtude deve ser ensinada, mas não à maneira conceitual porque ela não é uma doutrina; é um poder, um executar, um existir, uma transformação existencial. (ALMEIDA, 2013, p.115). Assim sendo, a Educação faz parte de um processo, de um trabalho de interioridade que acontece na subjetividade, favorecendo a relação com o outro, de forma que esse outro possa ser encontrado como “espelho”, estratégia de comunicação indireta presente na obra de Kierkegaard.

**Palavra-chaves:** Kierkegaard, Paulo Freire, Educação

**ABSTRACT:** This article provides a reflection on the understanding of a proposal for Ethical and Existential Education, based from the study of Kierkegaard work and presented in the book "Education in Kierkegaard and Paulo Freire: for an ethical and existential education", by Almeida (2013). Also, related to this proposal with the Indirect Communication, strategic

<sup>1</sup>OLIVEIRA, Vera Lúcia Periassu de. Mestre em Língua Portuguesa, pela Universidade Federal da Paraíba/UFPB, 1994; Especialista em Língua Portuguesa, Universidade Federal da Paraíba/UFPB, 1990; Graduação em Letras, Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), 1981. É membro do Grupo de Pesquisa CNPQ intitulado *Memória, subjetividade e subjetivação no pensamento contemporâneo* e membro da SOTER. E-mail: veraperiassu@uol.com.br

<sup>2</sup> SALLES, Zélia. Psicóloga/Teóloga. Mestre em Teologia (com pesquisa em Teologia e Psicologia) pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, PUC/SP 2002. Graduação em Psicologia e Habilitação para Psicólogo, PUCCAMP/Campinas, SP, 1980. Graduação em Teologia pela PUC/RJ, Rio de Janeiro, 1991. É membro do Grupo de Pesquisa CNPQ intitulado *Memória, subjetividade e subjetivação no pensamento contemporâneo*. É membro associado da Associação Pierre Bonhomme e da SOTER. E-mail: [sallesz55@gmail.com](mailto:sallesz55@gmail.com)

resource widely used by Kierkegaard in his writings, for example, in the book "Diary of a Seducer (1843), Repetition (1843), steps on the way to life "(1845) to establish a dialogic pedagogy. For Kierkegaard, the method of indirect communication is most important teaching because it allows, indirectly, without the rigidity of the traditional methods, Education communication happen. In this sense, his thought is very close to the dialogic and intersubjective communication of Paulo Freire. The study examines the issue of education as a task of the existence focused on uniqueness, because according to Kierkegaard, virtue should be taught, but not conceptually because it is not a doctrine; is a power, a run, one exists, an existential transformation. (Almeida, 2013, p.115). Therefore, Education is part of a process, a interiority of work that goes on subjectivity, favoring the relationship with the other, so that others can be found as "mirror", this indirect communication strategy in the work of Kierkegaard.

Keywords: Kierkegaard, Paulo Freire, Education

## INTRODUÇÃO

Neste artigo, temos a pretensão de ampliar nossa compreensão a respeito da proposta de uma Educação-ético-existencial, sua origem, seu método e seus principais teóricos, como também dar início a uma reflexão sobre sua concretização e viabilidade, a partir da obra do professor Jorge Miranda de Almeida "*A Educação em Kierkegaard e Paulo Freire: por uma educação ético-existencial*" (2013), proposta esta fundamentada a partir do diálogo que ele estabelece a partir do pensamento do filósofo dinamarquês Kierkegaard e do filósofo e pedagogo brasileiro Paulo Freire, mesmo diante das contradições e do assujeitamento da educação brasileira ao modelo neoliberal. A tese defendida é que a educação brasileira tem um discurso ideológico e à serviço dos donos dos meios de produção e que se contenta com estatísticas e campanhas midiáticas esquecendo a barbárie que continua sendo o dia a dia dos educandos, educadores e profissionais da educação. Almeida e as autoras deste artigo estão em sintonia com a tese de Adorno de que a tarefa é "o *pathos* da escola hoje, a sua seriedade moral, está em que, no âmbito do existente, somente ela pode apontar para a desbarbarização da humanidade, na medida em que se conscientiza disto" (ADORNO, 2003, p. 117)

Adorno quanto discute a questão da educação está pautado principalmente na educação infantil (2003). É com esse olhar que as autoras e educadoras, comprometidas com os jovens e crianças em situação educativa formal e informal, perceberam que ao atualizar a tese de Adorno para o contexto brasileiro e confrontando com um dos expoentes máximos da educação, que é Paulo Freire,

constatarem que há uma lacuna sobre a educação da subjetividade do educador e do educando em sua singularidade, e afirmam que para que a educação seja efetivamente transformadora, ela deve contemplar não apenas as estruturas sociais, políticas e econômicas do nosso país, mas principalmente transformadora do *dom da vida em tarefa existencial*, na busca do *si mesmo* rumo ao encontro da própria singularidade.

Essa lacuna será em parte preenchida a partir da relação que Almeida estabelece entre as principais categorias de Freire e de Kierkegaard no âmbito do existente conforme assegura Adorno em *Educação e Emancipação* (2003). O eixo norteador da construção de um educador ou educando comprometido com a existência e com as condições que transformam a vida em existente é a categoria da edificação. Educar é edificar! A edificação da singularidade do educando e de seus educadores, pautada no pensamento de Kierkegaard, dentro do contexto sócio-educacional brasileiro indica uma utopia que comporta um potencial de transformação da realidade. Mas, o que significa uma educação edificante e edificadora?

Para esse estudo, considerado de caráter apenas introdutório, pois, merece posteriormente ser ampliado, explorado, aprofundado, propomos uma reflexão a ser desenvolvida em três tópicos: Primeiramente, apresentaremos a proposta de Almeida a respeito da Educação ético-existencial, contida em sua obra já citada. Em seguida, daremos continuidade realizando uma breve abordagem da comunicação indireta, na perspectiva do filósofo dinamarquês Kierkegaard, incluindo a questão da comunicação indireta e a proposta da Educação ético-existencial. Finalmente, teceremos as considerações finais a respeito desta nova proposta pedagógica.

## **EDUCAÇÃO ÉTICO-EXISTENCIAL**

O professor Antônio Sidekum, na apresentação que faz da obra de Almeida “*A Educação em Kierkegaard e Paulo Freire: por uma educação ético-existencial*” (2013), refere-se à mesma como sendo uma profunda análise da experiência ética sobre a subjetividade introduzida e refletida no âmbito da filosofia existencial de

Kierkegaard e da dimensão da relacionalidade do fenômeno da educação libertadora em Paulo Freire. Para Sidekum, “o livro traz a discussão sobre a ética e a política aplicada à educação, sendo um recurso especial para refletirmos eticamente a respeito da realidade da educação em nosso país, onde a indignação é uma constante em nosso cotidiano, no qual tantos crimes são cometidos contra a dignidade da pessoa humana”. (ALMEIDA, 2013, p. 10). Nessa obra, o autor aprofunda a distinção realizada por Kierkegaard no *Conceito de Angústia* (2014) entre primeira e segunda ética, assumindo a segunda ética e elaborando suas bases a partir da obra *As obras do Amor* (2005), no *Pós-escrito conclusivo não científico* (2013) e pauta a segunda ética no engajamento da pessoa singular, assumindo a responsabilidade radical na promoção do próximo como condição da própria ética.

Se por um lado pensadores como Adorno, Ricouer e Arendt desenvolveram amplamente e denunciaram a resignação filosófica diante da banalidade do mal e do mal radical, mesmo considerando e denunciado a sua realidade tão próximas de nós, o antídoto para o mal radical ético-político encontra-se na edificação a resposta mais consistente, porque está pautado na abnegação e no altruísmo que são consequências do processo de interiorização e da passagem da subjetividade à singularidade, o que em Levinas seria a passagem da subjetividade à substituição<sup>3</sup>. Para Ricouer, por exemplo,

O verdadeiro mal, o mal do mal, se mostra com as falsas sínteses, isto é, com as falsificações contemporâneas das grandes empresas de totalização da experiência cultural, nas instituições políticas e eclesiais. É, então, que o mal mostra seu verdadeiro rosto, o mal do mal sendo a mentira das sínteses prematuras, das totalizações violentas (RICOUER apud SOUKI, 2006, p. 32).

O mal do mal é a negação veemente das propostas éticas da virtude de Aristóteles, deontológica de Kant, da Vida ética de Hegel e do Utilitarismo de Stuart Mill entre outras. Pois nas discussões sobre a banalidade do mal, como consequência da indiferença dos homens diante das várias formas de violências e do fracasso das

---

<sup>3</sup> Em função da delimitação do texto, sugerimos ao leitor verificar em Levinas a passagem da subjetividade à substituição e sua consistência frequentando as obras *Totalidade e Infinito* e *Outramente, outro modo de ser ou além da essência*. Em Kierkegaard o percurso está em analisar o *Pós-escrito conclusivo não científico* e *As obras do amor*. (anotações do grupo de estudo Memória: subjetividade e subjetivação no pensamento contemporâneo, coordenado pelo prof. Jorge Miranda de Almeida)

concepções de éticas anteriores, Almeida (2013) afirma que se os modelos atuais de educação contribuíssem, efetivamente, para construir a dignidade humana, o caráter, pessoas éticas engajadas na construção do bem, da solidariedade e da justiça, não haveria tanta barbaridade, tanto descaso em relação à vida. Para este autor:

[...] a ética e a educação vivem em dois universos antagônicos quando tomados no interior da realidade socioeconômico-cultural brasileira. O discurso é um, a prática é outra; a ética propõe ações para construir a dignidade humana, a educação instrumentaliza e ajusta para o mercado de trabalho e para a adequação às normas de controle vigentes. (ALMEIDA, 2013 p. 13)

Em sua obra, o autor nos oferece possibilidades de pensar a respeito da educação, da ética e das questões relativas à subjetividade, à existência, por meio do encontro entre o filósofo Kierkegaard e o educador Paulo Freire. Quanto a nós, educadores, perguntamo-nos: Mas o que tem a ver mesmo Kierkegaard com Paulo Freire? O que estes autores concebem como educação? Almeida nos esclarece:

A concepção do homem como inconcluso e inacabado e por isso mesmo aberto às possibilidades é comum aos dois pensadores. Porque inconcluso é capaz de ser educado. Por isso, não é possível fazer uma reflexão séria sobre filosofia, sobre educação e sobre ética sem refletir de dentro sobre o próprio homem, sobre a condição humana, sobre as contradições e os contrastes inerentes ao processo de tornar-se homem, pelo menos é essa a temática desenvolvida por Freire, principalmente em *Educação e mudança*, *Pedagogia da autonomia*, *Pedagogia do oprimido*, e por Kierkegaard na *Doença mortal* (o desespero humano), *Post-scriptum conclusivo* não científico, *O conceito de angústia*, *Migalhas Filosóficas* e *As Obras do Amor*. (ALMEIDA, 2013, p.18).

Na obra *Educação como prática da liberdade*, Freire (2000) refere-se à educação como um ato de liberdade humana, afirmando que uma das tarefas primordiais da pedagogia crítica radical libertadora é trabalhar, de forma efetiva, a legitimidade do sonho ético-político da superação da realidade injusta e a promoção da dignidade. Nesta ótica, Almeida reforça que “educar é muito mais do que ensinar a ler e escrever; educar é construir caráter e personalidades fortes e edificadas como estabelece Kierkegaard, para que se possa vivenciar, responsabilmente, o desafio e as exigências inerentes à liberdade”. (ALMEIDA, 2013, p.19). Ainda segundo Almeida, em Kierkegaard a educação é a tarefa de transformação do *eu* (indivíduo) em *si*

*mesmo* (singularidade). Isto porque a subjetividade pode cair na inautenticidade ou na generalidade como as personagens estudadas por Kierkegaard. Um claro exemplo é Cordélia, no *Diário do Sedutor*, além de Dona Margarida, Dona Elvira, Fausto, em *A Alternativa*. Segundo o autor, há várias modalidades de subjetividade, onde ela pode ser subjetivada na globalização e perder-se de si mesmo, mas a singularidade pressupõe a construção da edificação que ocorre na própria interioridade como veremos a seguir. A padronização, a homogeneização e a uniformização são modalidades de subjetividades subjetivadas e transformadas em uma grande igualdade planejada, onde existe o pensamento único que é a fonte da totalização onde as perversidades não pode medir e que no contexto brasileiro se revela no silenciamento e na indiferença com que centenas de adolescentes e jovens das periferias e das comunidades carentes de todo o Brasil são eliminados normalmente em nome e pelo poder oficial militar e civil. Segundo Souki “o fenômeno totalitário revelou que não existem limites às deformações da natureza humana e que a organização burocrática de massas, baseada no terror e nas ideologias, criou novas formas de governo e dominação, cuja perversidade não se pode medir” (SOUKI, 2006, p. 33).

A educação edificante deve proporcionar ao educando e ao educador condições de construção de maturidade para que a escolha em participar dos dramas existências do próximo aconteça a partir da adesão consciente e crítica. É nesse sentido que a edificação deve ser construída na interioridade, para que o singular possa elaborar a própria personalidade e atingir a maturidade necessária para se doar ao próximo na condição de excesso ou transbordamento de si. Neste contexto da busca e edificação de si mesmo, do existir e não apenas viver, de uma educação que seja realmente ética e não apenas educação formal nos modelos tradicionais da sociedade capitalista, sentimos a necessidade de nos comprometer e, de fato, nos empenhar por uma educação ético-existencial, na tentativa de contribuir ainda mais para que o processo educativo seja realmente transformador da nossa realidade socioeducativa, começando por cada um de nós, educadores, que desejamos não apenas viver, mas existir em nossa singularidade no comprometimento com o próximo. (ALMEIDA, 2013). Entendemos, portanto, que a referida proposta pode contribuir, com muita propriedade, em nossas reflexões e em nossa ação cotidiana

sobre o fazer pedagógico. Nosso trabalho atual por uma educação libertadora, fundamentado nas obras do educador Paulo Freire, vem agora enriquecer-se na linha de pensamento do filósofo Kierkegaard. Nesse encontro do pensamento Freire-Kierkegaard, apresentado por Almeida, ainda nos perguntamos: É possível transformar as estruturas sem ao mesmo tempo transformar a mentalidade de cada existente? O autor nos esclarece:

O existir autêntico é para o existente o seu supremo interesse e comprometer-se em existir é a sua realidade. Portanto, o autêntico saber é aquele que promove essa transformação interna, o que não é possível num discurso acadêmico e desinteressado, numa lógica fria e insensível diante dos destinos e dos dramas colocados a cada existente. O que está em jogo não é uma equação, fórmula ou regra gramatical, o que precisa ser entendido nas pedagogias atuais é que a nossa vida está em nossas mãos e que somos responsáveis pelas escolhas que construirão ou não uma individualidade autêntica. Mas como escolher se o discípulo aprendeu, mas, não apreendeu o essencial que é realizar-se a si mesmo? Como construir com o discípulo se o mestre não desceu do seu púlpito e não se fez ele mesmo discípulo? Como educar, se o mestre, ele mesmo não existe, mas apenas vive como um livro numa prateleira da biblioteca cheio de conhecimentos, mas carente de testemunho da verdade e, por isso, incapaz de traduzir-se em verdade? (ALMEIDA, 2013 p.25)

Edificar-se a si mesmo pressupõe a educação como construção. Por isso para o filósofo dinamarquês, a tarefa mais importante da nossa época é a educação. Mas, entendendo bem, educação para o caráter, para a capacidade generosa de comprometimento com o próximo, não a educação como instrumentalização de conhecimento e reprodução de saberes já instituídos. Para Kierkegaard, o que é doado gratuitamente é a vida humana, a existência é uma tarefa que compete única e exclusivamente ao si mesmo. Essa compreensão nos remete a Paulo Freire, quando nos diz: *“Me movo como educador, porque, primeiro, me movo como gente.”* A proposta sobre a qual estamos refletindo desafia-nos a lutar contra a corrente da pedagogia tradicional que há séculos vem sustentando a sociedade capitalista, cujo fundamento último é o acúmulo do capital, manifesto na cultura do ter e objetivando reduzir tudo a mercadoria, inclusive as pessoas. Por causa disso, a educação que temos prioriza as competências e habilidades, visando preparar o aluno para ser um excelente profissional; no entanto, e com raras exceções, problematiza conteúdos para que o educando possa ele mesmo se transformar, mediante a educação, em um ser humano autêntico, em indivíduo singular. No processo da Educação ético-

existencial, acreditamos ser fundamental o papel da linguagem, especificamente do texto literário como forma de comunicação indireta. É importante salientar que em vários de seus escritos o filósofo Kierkegaard utiliza esta forma de comunicação. Neste sentido, quais seriam as contribuições da comunicação indireta neste processo da educação ético-existencial proposto por Almeida? Os textos e mensagens veiculados atualmente nos programas escolares contribuem ou poderão contribuir para este novo processo pedagógico? E a comunicação indireta é utilizada no contexto escolar, em especial nas aulas de Língua Portuguesa? É a respeito desta comunicação a nossa próxima abordagem.

### **COMUNICAÇÃO INDIRETA**

A comunicação indireta em Kierkegaard constitui um método de aproximar o leitor (educando, educador) indiretamente daquilo que é essencial. Uma vez que segundo o filósofo dinamarquês os indivíduos estão preocupados demais e dão confiança demais às mensagens que são veiculadas pelos meios de comunicação de massa, que segundo ele, constitui o mal do século, é necessário uma forma de educar que possa atingir a subjetividade e provoca-la individualmente. Em sua obra *a dialética da comunicação ético e ético-religiosa* Kierkegaard faz uma importante distinção entre comunicação de saber e comunicação de poder e “que o momento mais apropriado em relação à ética e ao momento ético é a educação” (KIERKEGAARD, 1979, p. 63). Entendendo a educação pautada na ética que comunica essencialmente a verdade como reduplicação, isto é, concretizando e testemunhando com a ação a própria verdade como ética e a ética como educação.

Ao escrever um texto o autor (emissor) codifica sua mensagem, pensada, concebida e o leitor (receptor) ao ler o texto decodifica a mensagem do autor. Assim irá pensá-la, assimilá-la, personalizá-la, compreendendo-a. A partir de então a comunicação se torna completa. A questão é que para o autor dinamarquês o mais importante é que o texto traduz uma mensagem e esta passa a ser fundamental, porque a mensagem deve ser vivenciada como vida e não como texto ideológico ou político ou literário, porque o “objeto da comunicação não deve ser um saber, mas uma realização” (KIERKEGAARD, 1979, p. 57)

A comunicação pode ocorrer de maneira direta ou indireta. A direta se dá quando a mensagem, a informação ou o assunto em pauta é transmitido objetivamente, tem-se então uma comunicação de poder, isto é, quem pode mais dá as ordens e determina o que é o que não é verdade ou pode ser comunicado como verdade. É suficiente na cultura brasileira verificar quem detém os meios de comunicação e como eles veiculam a verdade, qual é o acontecimento que merece ou não merece destaque na programação jornalística ou nas revistas semanais. O leitor é meramente comunicado a respeito das informações. A comunicação indireta quando oral pressupõe pessoas distantes umas das outras e quando escrita se utiliza de estilo irônico, de figuras de linguagem como metáforas, pseudônimos. A comunicação indireta pode ser definida como aquela em que o emissor da comunicação está consciente do que faz, embora o receptor não esteja consciente. É importante estabelecer que na comunicação direta existem o emissor, o receptor, a mensagem; na comunicação indireta existe a comunicação e o conteúdo que extrapolam a própria mensagem, pois é o *como* se comunica a verdade por exemplo que é o decisivo e não o *que* se comunica ao comunicar algo como verdadeiro.

É significativo estabelecer, de início, uma relação da Educação ético existencial com a comunicação indireta ou polissêmica na obra de Kierkegaard. As diversas vozes dos diversos pseudônimos que constituem a obra do pensador dinamarquês têm a finalidade de confundir e, ao mesmo tempo, esclarecer o leitor quanto a sua própria vida e de como está seu posicionamento diante da mesma. As vozes dos pseudônimos mais significativos de Kierkegaard são Johannes Climacus, Anti-Climacus, Virgilius Haufniensis, O Juiz Guilherme, Frater Taciturnus, Hilário, o Encadernador, Constantin Constantius. O objetivo central da comunicação indireta exposto em narrativas como *Etapas no Caminho diante da vida* e *Ou isto ou aquilo* que contém novelas e contos como *Diário de um Sedutor*, *Culpado, não Culpado?* *O equilíbrio ético e estético na elaboração da personalidade*, etc. são exemplos da proximidade do pensador de *O conceito de angústia* com o universo literário. Na comunicação indireta, ocorre a multiplicação dos sentidos, permitindo assim que o texto sofra diferentes leituras e interpretações. O uso conotativo da linguagem indireta faz com que as palavras, ao aparecerem em contextos inesperados ou imprevisíveis, ganhem novos significados e produzam interessantes efeitos de sentido. Nesse processo de

comunicação indireta há a recriação da linguagem, a palavra adquire um novo significado, abrindo novas possibilidades de compreensão e interpretação por parte do leitor. Os significados da obra literária não vêm expressos claramente, uma vez que a comunicação indireta trabalha nas “entrelinhas”, com os “silêncios”, o “não dito”. Para Kierkegaard, em *O Conceito de Ironia*, o início da ironia [e o seu próprio esgotamento] manifesta-se em Sócrates pelo silêncio da pergunta sem resposta. A ironia kierkegaardiana define-se por discurso retórico em que o sentido é o contrário do que se pensa. A multissignificação ou polissemia é, portanto, uma das marcas fundamentais do texto literário, muito presente na literatura kierkegaardiana. A permanência de determinadas obras se prende ao seu alto índice de polissemia, que as abre as mais variadas incursões e possibilita a sua atemporalidade. É o traço que permite, entre outras, as múltiplas leituras existentes na obra de Kierkegaard, como também na obra de autores brasileiros, a exemplo de João Cabral de Melo Neto, Clarice Lispector, Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa e tantos outros.

A linguagem indireta, sendo eminentemente conotativa, resulta de uma recriação feita de palavras, e é do arranjo especial dessas palavras que emerge o sentido múltiplo que a caracteriza. No entanto, essa conotatividade não é uma propriedade pertencente apenas à literatura: ela está presente também em outros textos não literários, como o discurso político, por exemplo. Na comunicação indireta, costuma-se dizer uma coisa para significar outra, por isto a adequação entre o que se diz e o que se quer dizer nem sempre ocorre explicitamente. Para que isto ocorra, existem as figuras de linguagem, inúmeros recursos linguísticos de construção do texto que servem para estabelecer esse “estranhamento”, essas ambiguidades e oposições. Um dos recursos que podemos citar é a chamada Antítese ou Ironia, em que se afirma alguma coisa que na verdade se quer negar. Estabelece-se então um conflito intencional entre o que se disse e o que se quis dizer. Nesse caso, diz-se uma coisa para que se entenda outra. A comunicação indireta, portanto, sempre leva à abertura de caminhos renovadores, nela o que predomina é a criatividade. Seu único espaço de criação é o da liberdade, assim sendo, a criação estética autoriza qualquer transgressão nesse sentido.

## **A COMUNICAÇÃO INDIRETA E A EDUCAÇÃO ÉTICO-EXISTENCIAL**

Mesmo não tendo o poder de modificar a realidade, a comunicação indireta é capaz de fazer com que as pessoas reavaliem a própria vida e tenham a liberdade de poder mudar de atitude e conseqüentemente de comportamento. Por isso, a dimensão da comunicação indireta se dá como comunicação de caráter. Aqui nos referimos ao filósofo Kierkegaard que recorre à comunicação indireta como forma de intervir na sociedade. Além de nos fazer sonhar, refletir, divertir e denunciar a realidade, será que tal forma de comunicação pode nos ajudar a viver nossa singularidade? Somos tocados pelas experiências de leituras que, muitas vezes, evocam vivências pessoais e nos ajudam a refletir sobre nossa existência, assumindo-a como tarefa. Poderemos, através da comunicação indireta, encontrar respostas que deem sentido a nossa existência e que nos ajudem a compreender um pouco mais de nós mesmos? Nesta proposta pedagógica da Educação ético-existencial, acreditamos que a comunicação indireta possa ser excelente subsídio, podendo ser bastante estudada e explorada como primoroso recurso e rico elemento na tarefa de edificação do si mesmo, da subjetividade humana. A educação ético-existencial alicerçada em Kierkegaard e Paulo Freire representa para a educação brasileira um grande desafio, pois, ela não está comprometida com estatísticas e publicidade midiática, mas com a transformação de cada educador e de cada educando, porque, sendo o ser humano único e insubstituível em seu processo de inacabamento e movimento por múltiplas possibilidades, deve-se ter como critério fundamental que o objeto da comunicação não é um saber conforme atesta o pensador dinamarquês “mas uma realização” (KIERKEGAARD, 1979, p. 57). Com uma firme esperança de uma educação que leve em conta a subjetividade, que de fato contribua em uma perspectiva dialética e dialógica capaz de estabelecer condições para que as pessoas autênticas em sua singularidade assumam em primeira pessoa a ética. podemos ilustrar essa possibilidade em nosso contexto brasileiro com dois fragmentos de poemas de Ferreira Gullar, poeta maranhense e pós-modernista, que faz uma declaração bem significativa.

Fiz sempre poesia como uma luta em busca do  
sentido das coisas, do sentido da própria vida  
e da literatura e, ao mesmo tempo, como a  
necessidade de resgatar a experiência da vida,  
de não deixar que ela se perca.

Homem Comum

[...]

Sou um homem comum  
brasileiro, maior, casado, reservista,  
e não vejo na vida, amigo,  
nenhum sentido, senão  
lutarmos juntos por um mundo melhor.

(GULLAR: 2000. p. 167-168).

Outro poema que se tornou conhecido no Brasil inteiro, uma vez que foi musicado pelo cantor cearense Raimundo Fagner, é considerado um dos mais belos poemas em que Ferreira Gullar trata da dificuldade de conciliar os lados racional e passional do ser humano.

Traduzir-se

Uma parte de mim

é todo mundo:

outra parte é ninguém:

fundo sem fundo.

[...]

Traduzir-se uma parte

na outra parte

- que é uma questão

de vida ou morte –

será arte? (GULLAR, 2000).

Indagamos, assim como Gullar, será arte? ... Será arte tornar-se um ser humano? ... Será arte ajudar o ser humano a equilibrar-se entre o sentimento e a razão? Novamente Kierkegaard estabelece que “a ética deve ser comunicada como arte” (p. 57) e que cada indivíduo ao elaborar-se e transformar-se em subjetividade e a partir da interioridade em singularidade será capaz de assumir a responsabilidade em primeira pessoa e dessa forma, capaz também de vencer o mal do mal, o mal radical. Consideramos que esta não é uma tarefa fácil, mas pode ser possível numa ótica pedagógica que dê prioridade à edificação da existência, centralizando-se na singularidade do ser humano, não apenas na sua dimensão social e econômica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação ético-existencial vem despertar nosso interesse como educadores e educadoras, a fim de que se continue pesquisando este novo fazer pedagógico, tão necessário e urgente na edificação da singularidade no momento atual, pois esta se encontra ausente em nossa sociedade capitalista. Nesta proposta pedagógica ético-existencial, acreditamos que a comunicação indireta possa ajudar, efetivamente, na tarefa primeira da educação que é, segundo Kierkegaard, a edificação do si mesmo. Esta proposta, ético-existencial, vem profetizar o protagonismo de uma nova educação, ou seja, o despertar de uma verdadeira educação em nosso país e não apenas como vem acontecendo “uma escolaridade” predestinada a criar competição, desigualdade de oportunidades na sociedade. Pensamos também que há viabilidade de uma concretização de tal proposta, entretanto, na medida em que educadores e educadoras forem cativados, cativadas e envolvidos, envolvidas nesta utopia educacional, apostando na beleza e na significação de tal projeto.

Parafraseando a ideia de que *todos os espaços e sujeitos da escola são educativos e educadores e que qualquer experiência vivenciada nesses espaços, com os sujeitos, pode se tornar uma experiência pedagógica*,<sup>4</sup> é possível então que a Educação ético-existencial possa ser desenvolvida em todos os espaços educacionais, quer sejam nas escolas, na família e/ou nas instituições de caráter educativo; *desde que se possa planejá-la: significar, ensinar e aprender alguma coisa com ela*. Portanto, a Educação ético-existencial, contando com as valiosas contribuições da comunicação indireta, é imprescindível para trabalharmos as questões éticas e também aquelas que dizem respeito ao sentido da existência, neste novo fazer pedagógico, ou seja, nesta nova proposta educacional apresentada por Almeida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO. T. W. **Educação e Emancipação**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

---

<sup>4</sup>Esta ideia foi extraída do texto PDF TEORIAS DA COMUNICAÇÃO - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Site: [portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/10\\_2\\_teor\\_com.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/10_2_teor_com.pdf) Acesso 06/12/2014 às 11:30h

ALMEIDA, J. **A Educação em Kierkegaard e Paulo Freire: por uma educação Ético-existencial.** Vitória da Conquista/BA: Edições UESB, 2013.

ALMEIDA, J de & VALLS, Á. **Kierkegaard.** Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** São Paulo, Hucitec, 1979.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

\_\_\_\_\_ **Pedagogia do Oprimido.** 54<sup>a</sup>ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 2013.

GULLAR, F. **Dentro da noite veloz. Toda poesia (1950-1999).** 9<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

KIERKEGAARD, S. **Scritt sulla comunicazione: La dialettica dela comunicazione ética.** Ed. ético-religiosa. Roma: Edizione Logos, 1979

LISPECTOR, C. **Água Viva.** São Paulo. Saraiva 1973.

SOUKI, N. **Hannah Arendt e a banalidade do mal.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.